



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

SEGREDO E PODER NO CANDOMBLÉ: AS METAMORFOSES DO SEGREDO E A COESÃO INTRA-TERREIRO*

Patricio Carneiro Araújo
Mestrando em Ciências Sociais (PUC-SP)
Bolsista da Fundação Ford
patricionisoji@hotmail.com

A compreensão de segredo entre o povo do santo não é uniforme e nem padronizada. O que para um terreiro é tido como mais absoluto segredo, e portanto inegociável com “os de fora”, em outro (muitas vezes originário da mesma casa matriz) não passa de etiqueta, beirando às vezes os limites do *olofôfo*, *mavula* (fuxico).

Dessa forma, podemos afirmar, com certa segurança, que aquilo a que chamamos de *segredo ritual* compõem-se de uma massa amorfa que comporta um conjunto de códigos e preceitos variáveis de acordo com a casa em questão, e com as relações que esta estabelece com as demais e com o povo de santo de forma geral. Também a relação que as lideranças religiosas estabelecem com seus clientes interfere na compreensão daquilo que se convencionou chamar de *segredo*.

No entanto, essa compreensão de segredo nem sempre foi visto dessa forma. Tudo isso, na verdade, já é resultado de um longo e complexo processo de engendramento e adaptações de relações simbólicas e sociais, no interior dos terreiros e entre o povo do santo. Vejamos então, de forma breve e muito concisa, como esse processo se deu.

* Este trabalho foi apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: “Diversidades e (Des)Igualdade(s)”, realizado em Salvador, Bahia, Brasil, entre os dias 07 a 10 de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

agosto de 2011, período em que o autor era bolsista da **Fundação Ford** (*International Fellowships Program*).

1. Antes do candomblé se formar: o segredo que atravessou o atlântico

*“Como mensageiro dos deuses,
Exu tudo sabe, não há segredos para ele,
tudo ele ouve e tudo ele transmite”.*

(Reginaldo Prandi,

Segredos guardados: orixás na alma brasileira. 2005. p. 74)

De acordo com as leituras que temos feito, estamos cada vez mais inclinados a acreditar que a prática do segredo ritual, nos moldes que tem sido praticado nos candomblés do Brasil, tem suas raízes mais profundas nos cultos tradicionais da África seicentista. Como se sabe o culto de algumas divindades (entre estas algumas que aqui encontraram guarida) eram prerrogativas de determinados membros da família, e em alguns casos da realeza (VALLADO, 2010, p. 27-30). Assim, a forma de se cultuar estas divindades terminava se cercando de uma aura de segredos que tanto sustentava o sacerdócio com elas envolvido quanto atuava como mecanismo de sustentação do poder daqueles que estavam diretamente ligados à divindade em questão.

O culto a algumas divindades yorubanas que sobreviveram no Brasil é um exemplo disso (Xangô, por exemplo). Dessa forma, *segredo* era a forma de cultuar tais divindades, assim como eram os elementos envolvidos neste culto. Conteúdo e forma, combinados, compunham então aquilo que, aos olhos mais desavisados, poderia parecer um conjunto bem definido do segredo. Conhecer a forma e o conteúdo representava a posse do segredo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

2. *Enquanto o candomblé se formava: o segredo como instrumento de resistência*

*“A cultura das aparências não
pode prescindir de duas
dimensões fundamentais:
o segredo e a luta. (...)
Entrar no segredo de alguém
é entrar na regra – de um jogo”.*
(Muniz Sodré. *A verdade seduzida*. 1988, p. 137)

Muniz Sodré é um dos vários autores que tratam da prática do segredo entre os escravos africanos no Brasil (e entre os seus descendentes) como poderoso instrumento de resistência. E, de fato, durante a escravidão os negros souberam muito bem lidar com o segredo religioso em função do segredo social que possibilitava uma organização entre eles, a fim de resistirem à escravidão. Os espaços de culto dos negros passam então a servir de quartel general aonde se planejavam estratégias de resistência e até de revolução, como afirmam alguns autores a respeito do terreiro do *Bogum*, em Salvador, Bahia (1).

Outros autores, como Johnson (2002)(2), relacionam também segredo, poder e resistência. Aqui então, o segredo assume uma natureza mais política do que religiosa. Os negros conspiram secretamente com seus deuses, a fim de combaterem seu inimigo comum: o branco escravocrata. O segredo então passa a ser visto como elemento de coesão entre aqueles que lutavam também em favor da preservação de algumas tradições religiosas que resistiram à viagem nos tumbeiros. Segredo aqui passa a ser um eminente instrumento político.



1. Ver, por exemplo, PARÉS, Luis Nicolau. *A Formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Ed. Da UNICAMP, 2007. Campinas, SP, pp. 171-179.

2. JOHNSON, Paul Christopher. *Secrets, gossip, and gods: the transformation of brazilian candomblé*. Oxford University Press, New York, 2002. 225 p.

Mas, o espaço de culto dos negros (que futuramente deixará de ser apenas de negros, passando a ser de toda e qualquer pessoa que queira se re-encontrar com suas origens mais remotas através do culto aos orixás, arquétipos míticos que levam a um encontro consigo mesmo)⁽³⁾ também é território do segredo ritual. Segredo que preserva um patrimônio cultural e espiritual que sobreviveu à desumanidade e violência da escravidão.

Assim, a prática do segredo engendra novos elementos simbólico-religiosos que atuarão, de forma definitiva e consequente, nos processos de transmissão dos conhecimentos e composição das hierarquias religiosas. Hierarquias essas que também podem ser vistas como tentativas de resgatar a dignidade daqueles que, sob o punho do algoz, foram reduzidos de realeza à condição de escravos. Surge o espaço simbólico do terreiro. Reforça-se o campo do segredo. A resistência produz o poder dos “mais velhos”. Através da posse do conhecimento que, aos poucos, vai se caracterizando como secreto. Esse controle do conhecimento, por parte dos mais velhos, vai configurar aquilo que Prandi (1991)⁽⁴⁾ chamou de “gerontocracia”. *Gerontocracia* aqui pode ser compreendida como o controle do poder por parte daqueles que detém mais tempo de iniciação, e conseqüentemente, mais conhecimentos religiosos. Conhecimentos estes também chamados pelo povo do santo de “fundamentos”. O segredo então vai tomando forma ao mesmo tempo que a religião vai se complexificando e estruturando.

3. A discussão a respeito da presença de brancos na religiões afro-brasileiras, assim como a respeito da transmutação do candomblé de religião étnica para religião universal é extensa. A literatura, da mesma forma, é deveras grande. Sobre a presença do negro no candomblé Roger Bastide é contrário e taxativo .



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para ele (1971) a presença do branco nestas religiões era o motivo para a sua degradação e degeneração ritual e moral. Já Yvonne Maggie (1992) constata que, entre os principais acusados de “prática de espiritismo”, “curandeirismo” e “exercício ilegal da medicina” na última década do século XIX e primeiras décadas do XX, no Rio de Janeiro, eram majoritariamente brancos, o que revela a progressiva adesão dos brancos a estas modalidades religiosas.

4. Sobre a ideia de “gerontocracia” no candomblé, ver: PRANDI, José Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 1991.

3. Depois que o candomblé se formou: o segredo como mecanismo de poder

*“Esse mistério que compõe
o saber religioso é prerrogativa
principal dos mais ‘velhos no santo’,
que conseqüentemente detêm o poder”.*

(VALLADO, Armando.

***A Lei do santo: poder e conflito
no candomblé***. 2010. p. 45)

Formado o candomblé, acomodados os deuses e deusas transladados, o patrimônio religioso-espiritual do povo do santo passa a ser protegido pelo véu do segredo ritual. Precisava-se proteger os conhecimentos sagrados, a fim de evitar a sua apropriação indevida, por parte dos opressores que dele poderiam fazer uso, em nome da opressão já levada ao exagero. E mesmo com todas as precauções, os inimigos do povo do santo (que agora já não eram mais os senhores brancos escravocratas mas a polícia e a sociedade burguesa brasileira) repetidas vezes invadem o espaço sagrado do terreiro, violam os quartos sagrados dos santos e apreendem os objetos de culto que serão arrolados nos autos de apreensão, como provas do “crime” de feitiçaria e bruxaria. A esse respeito os trabalhos de Yvonne Maggie (1992)(5), Júlio Braga (1995)(6), Vagner Gonçalves da Silva (1994)(7) , entre outros, nos dão uma visão muito significativa do que representou a perseguição policial ao candomblé, nas primeiras décadas do século XX.



5. MAGGYE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1992.
6. BRAGA, Júlio. *Na gamela do feitiço, repressão e resistência nos candomblé da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.
7. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda, caminhos da devoção brasileira*. Ed. Ática, São Paulo, 1994.

Perseguição essa que, quase sempre, incluía a violação dos espaços secretos dos terreiros e a desautorização pública do poder e autoridade religiosa dos babalorixás e ialorixás.

O segredo então passa a ser uma barreira para “os de fora” que especulam, assim como já havia acontecido com os judeus, a respeito do que poderia acontecer nos interiores do terreiro. O próprio Roger Bastide (1985) chega a afirmar que o segredo atrapalhava os viajantes de estudarem a fundo as religiões africanas no Brasil. Da mesma forma, é através do segredo ritual que o patrimônio religioso do povo do santo (agora já não necessariamente negro) consegue sobreviver às novas formas de opressão, como afirma Muniz Sodré (1988) Batidas policiais, invasão de terreiros, aprisionamento (muitas vezes não justificados) dos pais e mães de santo (8).

O espaço sagrado do terreiro, território do segredo, é violado, profanado. Os pátios das delegacias expõem os instrumentos de culto e assentamentos dos orixás, que, segundo a tradição, deveriam ser preservados dos olhos dos não iniciados(9). Montanhas de materiais litúrgicos são empilhados nesses pátios e, depois de serem apropriados pelos etnólogos de plantão, passam a compor acervos de museus etnológicos. Como se se tratasse apenas de objetos exóticos que o branco, ou a autoridade policial ou higienista, arrancou à força do negro, assim como antes arrancara a sua liberdade.

No entanto, o conteúdo do segredo transcendia os objetos apreendidos. O segredo estava, assim como esteve na travessia longa a cruel do tumbeiro, guardado. Na mente e no coração.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

8. Como nos mostra o já citado trabalho de Yvonne Maggie (1992).

9. Ver o já citado trabalho de Vagner Gonçalves da Silva (1994).

A religião supera esse difícil momento e aos poucos vai novamente se recompondo e mantendo o segredo. Silenciosa e discretamente, o segredo vai restabelecendo a religião e junto com ela o poder das suas lideranças. Deter o conhecimento secreto é então deter o poder. Os mais velhos detêm mais conhecimento, portanto têm mais poder, como afirma Armando Vallado, no texto que serve de epígrafe a esta parte do nosso trabalho. No candomblé segredo também é poder. E as formas de manter o poder passam pela prática do segredo.

4. Enquanto o candomblé se transforma: o segredo como meio de vida

“Segredos Revelados. ATENÇÃO: aqui você encontra o que não encontrará em nenhum outro livro, apostila, cursos e até mesmo na grande maioria das... Em fim, aqui você tem: a prática da fundamentação da iniciação de cada qualidade da orixá Yansã (Oyá) no candomblé ketu”

(Site: www.axeorixa.com acesso em 15/08/2010)

Ora, as religiões também mudam. E têm que mudar, com o diria Eliade. Prandi chega a afirmar que “(...) a religião que não muda, morre”. (PRANDI, 2005, p. 237). Assim, conforme o candomblé vai se adequando às novas realidades nas quais ele está inserido, o segredo também vai adquirindo novas formas, apesar de sua natureza continuar a mesma. O segredo passa então a fazer as vezes de meio de vida. A perícia das lideranças religiosas em administrar os serviços e bens religiosos, é fruto de anos de convivência na religião. É fruto de uma longa trajetória de gerenciamento do segredo e do sagrado. Tanto da sua forma, quanto do seu conteúdo. O que é tido por segredo em



uma casa pode não o ser em outra. O que era segredo ontem, hoje pode cair em domínio público. Principalmente em épocas de meios de comunicação de massa tão eficientes como a Internet, por exemplo. O segredo pode então metamorfosear-se em meio de vida. Deter os conhecimentos mágicos e religiosos pode render àqueles que foram marginalizados pelo sistema capitalista de produção e consumo, uma eficaz forma de sobrevivência. O culto aos orixás passa então a ser significativamente caro para aqueles que enveredam nessa direção. Por outro lado, o corpo sacerdotal do candomblé vê aí uma via possível de ascensão social, uma vez que, transmutando-se de religião étnica em religião universal, o campo religioso abre-se a um volume bem maior de consumidores de seus bens e serviços. Novamente Reginaldo Prandi nos ajuda a compreender essa dinâmica em seu conhecido livro *Os Candomblés de São Paulo* (1991, pp.198-207), aonde ele fala da relação existente entre o sacerdócio exercido pelos babalorixás e a possibilidade de ascensão social dessa parcela da população.

A Magia, com a qual a religião dos orixás ainda mantém uma relação muito próxima, emerge como *locus* privilegiado de encontro entre o segredo e o comércio. Saber fazer os “trabalhos” é garantia de rentabilidade segura. Trata-se de um *savoir faire* que “bem vale uma grana”. E aqui não se trata de juízo de valor. Trata-se tão somente de constatação e análise. A multiplicação das placas de anúncio de trabalhos mágicos em toda parte do Brasil (e de outros países como os do Cone Sul) é uma pequena demonstração de como os segredos adquiridos nos terreiros podem ajudar a manter um complexo comércio de serviços mágicos. Cliente é o que não falta. Aos que desconfiam de sua eficácia o ofertante assegura: “Pague só após resultado”. Alguns não hesitam em abrir o véu do segredo do *saber fazer* em nome de uma clientela mais disposta a pagar: “*Todos os trabalhos são feitos na presença da pessoa*”, diz uma placa fotografada por nós na Avenida 9 de Julho, em São Paulo.

Outros ainda (e aqui saímos novamente do universo da Magia para o da religião) se especializam em determinados rituais, a fim de darem suporte àqueles que, por um motivo ou outro, não tiveram acesso aos segredos ligados a determinados rituais. O caso do *axexê* é um exemplo. Pais e mães de santo viajam pelo Brasil, o tempo todo, para irem realizar rituais funerários em diferentes regiões, depois dos quais voltam para suas terras de origem com a garantia de mais alguns meses de dinheiro no bolso. Conhecer os segredos também pode significar ganhar um dinheirinho. Ou um dinheirão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Considerações finais

Ao longo da história o segredo sempre mudou. Assumiu novas e diferentes roupagens. Hoje continua mudando mas mantém ainda (e talvez sempre manterá) características de todas as roupagens que vestiu. É na busca de uma compreensão maior a respeito das metamorfoses desse segredo ritual que caminhamos. E é nesse propósito que este trabalho se empenha.

Assim, partindo da perspectiva de rupturas e continuidades no contexto do candomblé, este artigo propõe uma discussão a respeito das metamorfoses do segredo ritual em relação às estruturas de poder nas comunidades de terreiros. Considerando o segredo como patrimônio intrínseco ao *ethos* do povo do santo, propomos uma reflexão, à luz da pesquisa de campo e da análise da Antropologia brasileira e brasilianista, acerca das transformações pelas quais o segredo ritual vem passando nas últimas décadas, e sua incidência sobre os mecanismos internos de coesão social afro-brasileiro. Sessenta anos depois da publicação de "As noivas dos deuses sanguinários" (*O Cruzeiro*, 15/11/1951) casos como o de *O Cruzeiro*, *Paris Match* e Clouzot se mostram como precursores de uma "crise da prática do segredo" que nos remetem à uma nova compreensão da natureza e sentido do segredo no candomblé. Em épocas do império da Internet e da informação de massa o "vazamento de fundamentos" provoca a atenção e preocupação de religiosos e estudiosos que, diante das dinâmicas religiosas afro-brasileiras, começam a perceber o segredo ritual mais como patrimônio do povo do santo do que como formas esotéricas de conhecimento.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Nessa tentativa de compreender melhor tais práticas e dinâmicas religiosas as Ciências Sociais se mostram como grandes aliadas na tarefa de buscar um entendimento mais claro e menos reducionista deste mesmo segredo ritual. Este trabalho pretende ser mais um instrumento facilitador nesta desafiante tarefa.

No entanto, sabemos que não é fácil discutir este tema. Tanto o povo do santo quanto os próprios pesquisadores das religiões afro-brasileiras são reticentes e hesitantes quando o assunto é segredo, fundamento, poder ou conflito. Ironicamente falar de segredo no candomblé é transitar em todos estes campos. Isso faz com que os ousados, que se arriscam em “meter a mão nessa cumbuca”, estejam ainda mais nos interstícios da exposição a desconfianças que nem sempre ajudam no desenvolvimento da pesquisa. Pois, mesmo que se diga que não existe segredo nenhum, a prática do segredo continua sendo delimitadora de fronteiras físicas, simbólicas e sociais no candomblé.

Nossa intenção era mesmo fazer essa breve passagem pelo domínio do segredo ritual no candomblé. Naturalmente não se é possível falar do segredo no candomblé sem nos remeter, mesmo que muito brevemente, às origens mais remotas desta religião, que concordamos ser a África que nos forneceu escravos.

Da mesma forma, ao discutirmos a relação entre segredo e poder torna-se imperioso analisarmos também as relações que o candomblé estabeleceu, espontânea ou compulsoriamente, com o mundo extra-terrestre, e mais precisamente com as autoridades políticas, jurídicas e institucionais. Até por que, aqui há um confronto aberto de diferentes tipos de poder e autoridade. Foi isso que fizemos. E os diferentes autores citados são nossos grandes inspiradores nesta tarefa a qual nos propusemos.

Resta-nos então crer que nossa contribuição não foi de todo muito incipiente.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Ed. Pioneira, São Paulo, 1971.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. *O candomblé da Bahia, rito nagô*. São Paulo, Nacional, 1978. Nova edição: São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

BRAGA, Júlio. *Na gamela do feitiço, repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1995.

JOHNSON, Christopher Paul. *Secrets, gossip, and gods: the transformations of brazilian candomblé*. Oxford University Press, New York, 2002. 225p.

MAGGYE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1992.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do candomblé, história e ritual da nação jeje na Bahia*. Editora Unicamp, Campinas, 2007. 390p.

PRANDI, José Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 1991.

_____. *Segredos guardados, orixás na alma brasileira*. Companhia das Letras, São Paulo, 2005. 328p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e umbanda, caminhos da devoção brasileira*. Ed. Ática, 1994, São Paulo, 149p.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988.

VALLADO, Armando. *Lei do santo, poder e conflito no candomblé*. Ed. Pallas, Rio de Janeiro, 2010. 156p.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina